
**AS PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM JUNTO A CRIANÇAS
SOBRE OS IMPACTOS DA SEPARAÇÃO CONJUGAL NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Alana Daros Scheifler^a, Bruna Pacheco Tessari^a, Gabriela Damasceno^a, Luana Damin Portela^a,
Monique dos Reis Esteves Homem^a, Beatriz Schmidt^{a*}

a) Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG

Informações de Submissão	Resumo
<p>*Autor correspondente (orientador) Beatriz Schmidt, endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-472.</p>	<p>Os impactos da separação conjugal no processo de desenvolvimento infantil é um assunto relevante e relativamente ainda pouco abordado atualmente. O artigo apresentado a seguir tem como objetivo compreender as percepções de uma psicóloga e de uma educadora sobre os impactos à criança e o seu desenvolvimento em decorrência do divórcio de seus pais. Para tanto, optou-se por entrevistar as profissionais supramencionadas, as quais já tiveram experiência na temática. A psicóloga nos ajudou a esclarecer assuntos como alienação parental e possível preparação das famílias para a separação. A educadora também colocou seu ponto de vista de como a criança se comporta na escola, e as possíveis dificuldades enfrentadas em um âmbito escolar.</p>
<p>Palavras-chave: Separação conjugal. Alienação Parental. Impactos no desenvolvimento infantil.</p>	

1 INTRODUÇÃO

As considerações sobre separação conjugal são inúmeras, contudo, devemos pensar qual é o impacto desta situação nas crianças envolvidas. O divórcio, atualmente, é um assunto tratado com naturalidade, o que nos faz parecer que não existem grandes complicações quando falamos desse tema. Todas as evidências sugerem que o divórcio tornou-se e continuará uma variante no estilo de vida de quase metade dos casamentos dos jovens adultos de hoje (GLICK *apud* CARTER; MCGOLDRICK, 2011). Porém é importante entender que não se trata somente do homem e da mulher e da decisão a ser tomada apenas para o bem dos dois, na maioria dos casos, existem os filhos que são automaticamente envolvidos na separação e nem sempre da melhor forma. “Essa experiência, que já não é fácil

para os pais, pode se tornar devastadora para as crianças, quando elas tornam-se alvo das disputas e são vistos como depósito de frustrações e decepções de seus pais.” (SCHETTINO, 2014). A perda de um dos pais na casa, as muitas mudanças no funcionamento familiar, e os estresses em cada progenitor, que afetam sua capacidade de serem pais, tudo isso contribui para o impacto sobre os filhos (CARTER; MCGOLDRICK, 2011, p. 296). Dentre as atribuições dos profissionais na equipe multidisciplinar, ressalta-se a do psicólogo e a do educador. Toda a intervenção que é feita com os envolvidos é de extrema importância para a amenização dos impactos que serão eventualmente causados na criança. Visando que os primeiros sinais aparecem no desenvolvimento educacional, possivelmente, o educador será o primeiro profissional que perceberá algumas diferenças de comportamento, quando a criança está passando por uma separação conjugal em sua família. Portanto, será possivelmente a pessoa que irá presenciar de forma mais ativa quais são as consequências e as possíveis modificações comportamentais que isso vem causando à criança. Logo após, o trabalho do psicólogo também vai ser desenvolvido para tratar do desenvolvimento da criança que deve estar impactado por conta destes conflitos e da separação conjugal.

O presente trabalho tem por objetivo colocar a visão das profissionais que presenciam o dia-a-dia da criança, tais como educador e em alguns casos o psicólogo. Trazendo assim, questões a serem relacionadas com a literatura sobre a temática estudada.

2 METODOLOGIA

O instrumento utilizado no processo de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, a qual foi aplicada a uma psicóloga e a uma educadora. Os eixos norteadores foram elaborados pelas autoras do artigo e pela professora orientadora. Participaram da entrevista duas profissionais que já tiveram experiência profissional relacionada com a separação conjugal e seus possíveis impactos na criança. A entrevista com a psicóloga foi realizada em seu consultório, ao passo que a educadora foi entrevistada na escola de educação infantil em que trabalha. As transcrições das entrevistas são contempladas nos anexos 1 (psicóloga) e 2 (educadora). Os dados foram discutidos com base em resultados de estudos anteriormente publicados, atinentes a artigos acadêmicos e livros que abordam o tema objeto do presente estudo.

2.1 PARTICIPANTES

Participante 1 (P1): Psicóloga formada pela Universidade de Caxias do Sul, com pós-graduação em Teoria Sistêmica e Teoria Cognitivo-Comportamental. Trabalha com famílias há 13 anos em seu consultório particular.

Participante 2 (P2): Educadora e Diretora de uma escola infantil em Caxias do Sul há 20 anos. Formada em Letras e Literatura, com especialização em Literatura Infanto-juvenil.

3 RESULTADOS

A partir da entrevista com a psicóloga conseguimos perceber que a separação conjugal tem se tornado cada vez mais comum na atualidade e que nas escolas algumas crianças comentam que a sala fica dividida em relação a quem tem família no modelo tradicional ou quem mora apenas com um dos pais ou em família recasada. Para a psicóloga, os impactos da separação em relação ao desenvolvimento infantil dependem de como essa separação acontece, se for uma separação amigável traz menos impacto, já uma separação litigiosa com muitos conflitos pode impactar mais na criança. Tal percepção da profissional é expressa pela fala a seguir: “Eu já acompanhei nesses anos casais que vieram pedir ajuda para separar, que vinham até aqui e diziam ‘nós temos filhos, gostaríamos de fazer algum trabalho preventivo para os filhos, porque nós enquanto adultos estamos resolvidos e queremos separar’”. Nesse caso, podemos perceber que os pais foram realmente sensatos em não envolver tanto os filhos nessa separação, foi feita de modo amigável mesmo pensando que é um momento de crise do casal, o desenvolvimento psicossocial da criança é o mais importante, trazendo assim menos impactos. Já o casal que briga e não tem uma separação amigável, que é litigiosa e vai para a justiça, segundo a psicóloga é natural que a criança reprove na escola no período do divórcio. Sendo assim, os impactos serão muito mais fortes e se não tiver uma intervenção isso pode se seguir para a vida inteira. A criança pode criar crenças de que casamento não é bom, de que pode ser abandonado, então é mais complicado.

Sobre a alienação parental, a psicóloga relata que é algo muito comum hoje em dia, em relação aos avós também, quando existe alguma rivalidade entre as famílias após a separação, ela comenta também que contemporaneamente existe uma lei que permite aos avós visitarem seus netos. Para não comprometer o desenvolvimento antes, durante e após a separação, ela cita algo relevante: “O ideal seria que os pais tivessem um ego maduro, mas os pais normalmente tem um ego infantil, eles rivalizam pelo amor da criança e fazem aquelas perguntas horríveis ‘De quem tu gosta mais?’ que não se deve nunca fazer para uma criança. Pode até perguntar ‘O que você prefere, chocolate ou doce de leite?’ , mas nunca em relação ao amor de outra pessoa. Então o que os pais podiam fazer é buscar atendimento nesse período porque existe hoje em dia terapia para a crise.” Em relação às crianças, a alienação parental causa um prejuízo enorme, os pais muitas vezes não percebem, mas a criança sofre muito com isso podendo até levar a uma depressão. Sobre as dúvidas de qual seria o melhor momento para contar ao filho sobre a separação, a psicóloga explica que é quando o casal já tem certeza dessa decisão, pois nos dias de hoje os relacionamentos possuem muitos “vais e vens” o que pode confundir e machucar muito a criança que está envolvida nesta relação. “Normalmente eu aviso aos adultos que é quando eles têm certeza, porque é muito comum os vais e vens na hora da separação, então às vezes eles têm uma crise quando eles estão em acompanhamento, então eu peço que eles não saiam de casa, assim, deu uma briga, pega uma muda de roupa e vai dormir na casa da mãe, aí a criança já pensa que os pais vão se separar e a mãe na hora da raiva diz que sim, pois o pai fez isso e fez aquilo, aí desmonta toda a figura idealizada da criança e depois eles se acertam.” – Relata a psicóloga.

Existem casos mais graves de separação como quando a questão de fortes discussões na frente da criança ou então casos em que o próprio filho procura ajuda de um profissional, pois as brigas são frequentes e já está afetando questões emocionais da família, como cita a psicóloga na fala a seguir: “Tem casos mais graves que os adolescentes chegam a pedir ajuda para poder ajudar os pais a separarem, quando tem caso de alcoolismo na família, pode ser do homem ou da mulher, o cônjuge sofre com a doença do outro. Eles sofrem algum tipo de violência tanto psíquica ou física que então teriam um benefício com a separação. Benefícios em casos mais graves.”, Em outra resposta a psicóloga diz: “Então a criança vai ouvir xingamentos, palavrões e provavelmente ela vai repetir em outro ambiente e a professora vai ser a primeira pessoa que vai perceber que a criança vai estar mais agressiva e respondendo mais, ou então tem criança que se fecha, então era uma criança sorridente, com brilho no olhar

e de repente esta lá no canto da sala quietinha, mais introspectiva e às vezes se o professor fala mais alto ela chora, então é uma criança que vai demonstra alguma coisa, adoece mais seguido, como citei antes, porque corpo e alma é interligado, então o corpo fala o que às vezes a pessoa não consegue colocar para fora.” Nessas respostas da profissional podemos entender o quanto é perceptível quando uma criança vive essa realidade em casa, algumas podem se tornar mais fechadas e com dificuldades de socialização, em outros casos podem se tornar agressivas dificultando ainda mais esse processo.

Enfim, podemos ver que existem muitos estilos de separação nos dias de hoje e nem sempre a criança que vivenciou isso é mais estruturada ou não do que uma criança que ainda possui uma família tradicional.

Em sua abrangente revisão da literatura de pesquisa sobre os filhos e o divórcio, descobriram que apesar de alguns estudos mostrarem diferença estatisticamente significativa entre os filhos de famílias intactas e os das famílias divorciadas, outros não mostravam nenhuma diferença. Além disso, eles descobriram que havia achados favoráveis, em diferentes áreas, tanto adaptar-se satisfatoriamente aos estresses associados ao divórcio, ao passo que os outros tinham mais dificuldade. Porque não é o divórcio por si que cria os transtornos de longo alcance, mas as circunstâncias específicas emanando da separação, [...] a qualidade de vida pós separação e o número e grau de outras mudanças estressantes decorrentes da separação. Concluíram que os dados são mais significativos quando consideram variáveis, tais como idade, sexo, conflito entre os pais, mudanças de vida depois do divórcio e a natureza dos arranjos dos cuidados paternos/maternos. (LOWERY; SETTIE apud CARTER; MCGOLDRICK, 2011, p 298).

Se houver tratamento e/ou cuidado dos pais, esta situação pode ser algo que não irá alterar com gravidade e apenas de forma ruim a vida dos envolvidos.

Na entrevista com a educadora, percebemos que as mudanças de comportamento da criança que presencia o divórcio dos pais são vistas nitidamente dentro da escola. Em geral, são percebidas duas mudanças no âmbito escolar: a agressividade e a quietude. Como relata a profissional: "A criança fica agressiva, agitada, não consegue se acomodar com uma brincadeira, com uma contação de história, com os amigos. Ou a criança começa a ficar muito quieta e afastada do grupo.". Destacamos também a importância de a professora receber instruções para poder conduzir a criança de forma adequada, já que esta é a primeira a ter

contato com a criança, e a primeira a notar a mudança de comportamento. O divórcio é um assunto cada vez mais recorrente, necessitando maior relacionamento entre escola e família.

Ao perguntar para a educadora sobre o diálogo com os pais e como isso ocorre, ela cita um caso em especial, o qual os pais não queriam expor a situação e todas as vezes que foi marcada uma reunião junto à psicóloga da escola, eles se sentiam invadidos com a interferência. Ela também conta sobre outro caso que na verdade quem procurou o diálogo foram os pais e que eles agiram de maneira cuidadosa para com a criança, a tal ponto que as professoras não notaram diferença no comportamento dela. Em outras situações os resultados foram negativos por causa do sentimento de invasão dos pais, como a educadora comenta que em alguns casos os pais preferem remover a criança da escolinha, pois ela está inserida em um local mais familiar. E em escolas a criança não é tratada de forma individual. Neste caso, a entrevistada também conta que as crianças que sofriam com a separação dos pais, ficavam muito mais sensíveis e choravam por qualquer coisa, como por exemplo, o desespero de uma delas por causa de um chinelo arrebitado, “Nossa, a menina, arrebitou o chinelo na natação e ela entrou em surto, e o pessoal de outros andares foi lá pensando que ela tinha se arrebitado, mas foi apenas o chinelo! Ou seja, em algum lugar vai estourar.”.

A educadora falou que na escola, todos os profissionais presentes, como psicólogos, pedagogos, fisioterapeutas e professores, participam e discutem questões sobre as crianças. Frisam a importância do diálogo para deixar todos cientes do que está acontecendo e encontrarem métodos de ajuda à criança. Destacam que muitas vezes esses diálogos não conseguem chegar até a família justamente pelo motivo citado anteriormente: o sentimento de invasão dos pais. Os pais acabam não se fazendo presentes nas tais reuniões. A importância desses diálogos escola-família para o desenvolvimento da criança é o que realmente importa para a escola. Por isso que, na visão da educadora, a psicóloga é muito importante, também nesses casos, para a escola, poder ter essa ponte entre a família e a instituição. Porém, essa “ponte” formada pela psicóloga é quebrada a partir do momento em que os pais se recusam a abrir a situação para alguém de fora, assim é afirmado pela educadora: “Na concepção deles, eles acham que a escola, não pode se meter na vida familiar. Só que eles esquecem que a escola é um reflexo do que acontece em casa, e que tem que ter esse jogo claro, e às vezes ele não vai estourar nada em casa, mas vai estourar na escola”. Também explicando que na escola, a criança se sente no ambiente propício para colocar todos os seus sentimentos para

fora, pelo motivo de estar junto com seus pares e professoras, que de certa forma, acolhem a criança. Assim, ela demonstra principalmente nas brincadeiras de “mamãe e papai” reproduzindo o diálogo que acontece em casa.

Ao longo da entrevista, a educadora compartilhou alguns casos, mantendo preservada a identidade dos envolvidos, evidentemente, por questões éticas. O primeiro pode-se considerar positivo. Todo o corpo da instituição que conhecia o casal nunca imaginou que os dois um dia se separariam, mas o dia que isso aconteceu trataram a filha do casal de modo com que ela não se sentisse prejudicada e muito menos esquecida pelos pais. Depois de algum tempo, com o antigo casal já tendo encontrado novos cônjuges, um deles tendo uma nova filha que também estudou na escolinha. A menina que teve os pais divorciados tinha uma relação muito boa tanto com a madrasta quanto com a sua “irmã”. Sobre casos negativos, não se sabe ao certo quantos houveram, só se sabe que foram várias tentativas frustradas de reuniões e os pais ficavam chateados com a escola e retiravam seus filhos de lá.

Ao final da entrevista, a educadora, que também é diretora da instituição deu seu depoimento, dizendo que é a favor da separação desde que esta seja tratada com muito cuidado com seus filhos, explicando o porquê do acontecimento e deixando claro para a criança que ela sempre será muito amada pelos pais.

4 DISCUSSÃO

A separação vem se tornando cada vez mais prevalente em nossa sociedade, afetando de maneira significativa todas as partes envolvidas, sobretudo as crianças (EYMANN et al., 2009). Em sua entrevista, a psicóloga ressalta que com a evolução a separação conjugal veio a aumentar, são números cada vez maiores, mudando assim o modelo da família tradicional. O divórcio na fase pré-escolar acaba se tornando, possivelmente, o primeiro grande impacto na vida da criança. Segundo Costa, Lamela e Figueiredo (2009), a falta de envolvimento dos pais em atividades escolares pode resultar em um rendimento baixo podendo até refletir nas notas, fazendo talvez com que elas reprovem de ano, como conta a psicóloga.

Quando o divórcio é amargo, os filhos correm riscos, em termos psicológicos, se envolvendo em conflitos de lealdade. Algumas crianças assumem ou são levadas a

papeis paternos, passando a ter responsabilidades adultas que são emocionalmente prejudiciais. Elas podem desenvolver problemas escolares e/ou com amigos, caracterizados por mau desempenho, comportamento problemático com amigos ou a autoridade, e/ou sintomas somáticos (WALLERSTEIN; KELLY apud CARTER; MCGOLDRICK, 2011, p 291).

Referente à alienação parental, a profissional instrui os pais de que o ideal seria que eles tivessem um ego maduro para não envolver o filho em grandes conflitos. Lidar com a crise de maneira construtiva, no entanto, pode ajudar a promover o desenvolvimento psicológico da criança (EYMANN et al., 2009). O conflito interparental comum ao processo de separação e ao período que o antecede é indicado como o maior estressor para a criança (COSTA; LAMELA; FIGUEIREDO, 2009). Se a separação ocorre de maneira amigável, a criança tende a sofrer menos consequências negativas.

A forma como os pais se relacionam com os filhos e entre si interfere de maneira positiva ou negativa nas estratégias infantis para enfrentamento da separação. Se os pais se agredem constantemente, as crianças podem considerar este comportamento como adequado e passam a emití-lo no relacionamento com os outros (ALEMIDA et al, 2000). A psicóloga comenta que a criança pode criar crenças de que casamento não é bom, que pode ser abandonada e isso pode trazer como consequência a dificuldade de se relacionar conjugalmente na idade adulta. Muitas vezes, até os próprios filhos, buscam ajuda profissional para auxiliar os pais a se separarem. A situação em casa pode ser tão conflitante que os filhos não querem mais ver um ou até ambos os pais sofrendo. A psicóloga fala: “Eles sofrem algum tipo de violência tanto psíquica ou física que então teriam um benefício com a separação. Benefícios em casos mais graves.” A metanálise de Amato e Keith (1991) mostra que crianças de pais divorciados, quando comparadas com crianças que vivem em famílias intactas, exibem indicadores de menor bem-estar, incluindo pior realização acadêmica, ajustamento psicológico, autoconceito, relações sociais e qualidade de relacionamento com o pai e a mãe.

A partir da entrevista com a diretora que também é educadora, destacamos diversos tópicos importantes a serem comentados: A relação escola-família fica muitas vezes inacessível quando o assunto é separação. O sentimento de invasão é muito comum nos pais que passam por essa situação, prejudicando o andamento escolar da criança pelo fato de que o caso precisa ser aberto para ter um acompanhamento psicológico dentro da escola para que se reverta o baixo rendimento acadêmico e o comportamento da criança com seus pares se

normalize. Destacamos também a importância de um psicólogo dentro de uma instituição de educação infantil assim como a dos demais profissionais que lá trabalham, já que é nessa fase que ocorre todo processo de desenvolvimento da criança. O diálogo, mesmo sem a presença dos pais, entre os envolvidos com a criança, pode amenizar na maioria das vezes o resultado do impacto que essa separação acarreta na vida do filho. Dentre esses resultados, podemos ressaltar os problemas de comportamento e emocionais, como afirmam Pwlak e Klein (1997), a respeito do comportamento de uma criança exposta frequentemente a altos níveis de conflitos, problemas também de baixa autoestima, pouca interação com os pares (GOTTMAN; KATZ, 1989), além de problemas com o sono (EL-SHEIK et al., 2006) e problemas de comportamento exteriorizado e interiorizado (NICOLOTTI; EL-SHEIK; WHISTON, 2003; KATZ; GOTTMAN, 1993; KELLER; CUMMINGS; PETERSON, 2009). Sobre os exemplos positivos e negativos apresentados pela entrevistada, podemos destacar que o desenvolvimento da criança afetada pelo divórcio varia em cada caso, mas as que presenciam violência entre os pais acabam refletindo o sofrimento dentro da escola.

A criança que não é exposta a conflitos conjugais, em geral não apresenta o seu comportamento afetado. Assim, encontramos na literatura, autores que corroboram isso, como por exemplo: Discussões calmas com demonstrações de apoio e de atitudes que favoreçam a resolução dos problemas, não geram reações negativas nos filhos, sugerindo que a exposição a conflitos menos intensos, ainda que frequentes, não parece prejudicial (BOAS; DESSEN; MELCHIORI apud DAVIES; CUMMINGS, 1994). Porém, existem casais que, segundo Gottman e Silver (2000), conseguem brigar sem levantar a voz, outros que evitam tais desentendimentos e ainda existem aqueles que brigam. São diversos os tipos de casais, e conseqüentemente, diversos os comportamentos dos filhos. A exposição a alguns tipos de conflito pode até servir de modelo para o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas ou estratégias de enfrentamento nos filhos (GRYCH; FINCHAM, 1990), assim, explicando o porquê de variados tipos de comportamento das crianças durante a fase pré-escolar e também os diálogos reproduzidos nas brincadeiras. Evidências na literatura sugerem que os conflitos nas relações conjugais podem resultar em prejuízos para os filhos, direta ou indiretamente (DAVIES; CUMMINGS, 1994; GRYCH, 2005; KELLER; CUMMINGS; PETERSON, 2009)

Então, podemos afirmar que, se após e durante o processo de separação, existir uma relação cordial e amistosa, as adaptações da criança em relação à nova vida e o seu desempenho serão minimizadas. Já que, a criança tem aprender que lidar com as alterações na rotina de vida, como a saída de casa de um dos pais, a família extensa, situação econômica, as brigas, as mudanças no seu relacionamento social e seu comportamento no lar e na escola. Além disso, a separação conjugal conduz à reorganização da vida afetiva, social, profissional e sexual dos pais, modificando, às vezes dramaticamente, a rede de convivência e de apoio das crianças e introduzindo, ao longo do tempo, a necessidade de relacionamento (e rompimento) com os novos parceiros dos pais e seus possíveis filhos e familiares (RAMIRES; 2004), mudanças que mudam e muito o comportamento, de alguma forma, da criança. Por isso é importante, como indicou a educadora, a segurança afetiva vinda dos pais da criança, para que ela consiga enfrentar todas essas mudanças de forma não tão prejudicial ao seu desenvolvimento.

Por meio da coleta de dados foi possível perceber, que tanto a educadora quanto a psicóloga concordam que a criança precisa de apoio profissional quando passa pela situação de divórcio de seus pais. As opiniões das entrevistadas coincidem quando citam que a separação amigável causa menos impactos à criança e quando a situação conjugal fica muito conflituosa o divórcio pode vir a ser algo benéfico. A psicóloga relata na entrevista que a professora vai ser a primeira pessoa que vai perceber as reações da criança e então na entrevista com a educadora podemos verificar como isso realmente acontece. A criança pode reagir de diversas maneiras, mas as mais citadas pelas entrevistadas seriam de que a criança pode agir de forma agressiva ou passar a ser uma criança mais quieta e deslocada do grupo. Nessas situações, podemos observar que o trabalho conjunto entre psicólogo e educador é de extrema importância para que a criança possa apresentar menos fatores de riscos e impactos ao seu desenvolvimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das exposições de ambas as entrevistadas sobre o impacto da separação conjugal no desenvolvimento infantil, é possível analisar que cada criança reage de forma diferente em relação ao que está passando antes, durante e depois do divórcio. Frisamos

também que o modo como os pais lidam com isso refletirá na forma como a criança enfrentará a situação. A intervenção do profissional da área da psicologia é de extrema importância para auxiliar tanto os pais quanto a criança nesse processo. Os educadores intervêm tentando passar apoio para que a criança se sinta acolhida e assim comunicar aos pais se houver alguma alteração de comportamento e então procurar ajuda psicológica. É possível considerar que, de forma geral, os desfechos desse processo estão fortemente vinculados ao modo como os pais irão agir com relação à criança, para desencadear as suas ações posteriores e então determinar se o impacto será negativo ou positivo ao desenvolvimento infantil.

6 REFERÊNCIAS

1. SCHETTINO, MA. Separação Conjugal e filhos - como lidar? Disponível em: <http://guiadobebe.uol.com.br/separacao-conjugal-e-filhos-como-lidar/> Acesso em: 12 de novembro de 2014.
2. Hernandez DJ. **Childrenschangingaccesstoreources: A historical perspective.** SocPolicy Rep. 1994;8:1-21.
3. Eymann A, Busaniche J, Llera J, De Cunto C, Wahren C. **Impactofdivorceonthequalityoflife in school-age children.** J Pediatr (Rio J). 2009;85(6):547-552.
4. Nunes-Costa RA, Lamela DJ, Figueiredo BF. **Psychosocialadjustmentandphysicalhealth in childrenofdivorce.** J Pediatr (Rio J). 2009;85(5):385-396.
5. ALMEIDA, Carmen Garcia de et al . **Pais separados e filhos: análise funcional das dificuldades de relacionamento.** Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 17, n. 1, abr. 2000 .
6. RAPOSO, Hélder Silva et al . **Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais.** Rev. psiquiatr. clín., São Paulo , v. 38, n. 1, 2011 .
7. BOAS, Ana Carolina Villares Barral Villas; DESSEN, Maria Auxiliadora; MELCHIORI, Lígia Ebner. Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. **Arq. bras. psicol.**, Rio de

Janeiro , v. 62, n. 2, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 nov. 2014.

8. ARAUJO, Meire Alvarasini de. **Divórcio parental, depressão infantil e dificuldades de aprendizagem.** (Maringá) 2011.
9. OLIVEIRA, Débora de; SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. **Impacto das Configurações Familiares no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes: Uma Revisão da Produção Científica.** (Curitiba) 2008.
10. CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (1995). **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2ª edição. 2011. 511 p.

7 ANEXOS

Anexo 1:Entrevista realizada com a Psicóloga:

Questão 1: Qual sua formação acadêmica?

Psicóloga: “Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul, eu tenho pós-graduação em Sistêmica e em Teoria Cognitivo Comportamental.”.

Questão 2: Há quanto tempo você trabalha com famílias?

Psicóloga: “Há 13 anos.”;

Questão 3: Quando veio o interesse em trabalhar nessa área de terapia familiar?

Psicóloga: “Durante a faculdade. Eu tive uma disciplina eletiva que é com a colega que eu trabalho hoje aqui no consultório, ela foi minha professora e o nome da disciplina era Terapia de Casal e Família. Então, eu fiz toda a minha faculdade que foi mais ou menos uns 7 anos com base na Teoria Analítica, era psicanálise pura e depois teve algumas eletivas e dentre essas foi a que eu me apaixonei, me encantei e trabalho até hoje.”

Questão 4: Você trabalha só com casais, só com a criança ou com toda a família?

Psicóloga: “Todo do ciclo vital. Com criança a partir do momento em que ela fala, adolescente, adulto, individual, casal e família. Família é cada vez mais difícil, no início eu atendia praticamente só família, este ano eu consegui reunir uma vez uma família, pois as famílias não tem agenda.”

Questão 5: Com base em que perspectiva teórica você atua?

Psicóloga: “A Teoria Sistêmica para atendimento de casal e família. A Teoria Cognitivo Comportamental para as patologias atuais em crianças, como ataque de pânico, fobias escolar ou outras fobias específicas. A Sistêmica é um ramo da TCC.”

Questão 6: De acordo com a sua experiência profissional, como costuma perceber a separação dos pais?

Psicóloga: “Com a evolução, a separação veio a aumentar, são números cada vez maiores. Algumas crianças me falam que é feito essa pesquisa em sala de aula, que os professores perguntam nos primeiros dias de aula e muitas crianças trazem que está meio “parelho” o número de crianças que moram com os pais em modelo de família tradicional e crianças que moram apenas com um dos pais ou em uma família recasada.”

Questão 7: Em sua opinião, quais os impactos do divórcio dos pais na infância para o processo de desenvolvimento em curto, médio e longo prazo?

Psicóloga: “Eu já acompanhei nesses anos casais que vieram pedir ajuda para separar, que vinham até aqui e diziam ‘nós temos filhos, gostaríamos de fazer algum trabalho preventivo para os filhos, porque nós enquanto adultos estamos resolvidos e queremos separar’, então seria uma separação mais amigável mesmo pensando que é um momento de crise do casal, mas estão preocupados com as crianças, um casal assim teria muito menos impacto no desenvolvimento da criança. O casal que briga e não tem uma separação amigável, que é litigiosa e vai para a justiça aí a criança normalmente pode reprovar na escola naquele período, é muito comum e dá um impacto muito mais forte e que sem acompanhamento isso pode se seguir para a vida inteira. A criança pode criar crenças de que casamento não é bom, de que pode ser abandonado, então é mais complicado.”

Questão 8: Você costuma atender no consultório, adolescentes e adultos que, de alguma forma, evidencia-se que sofreram impactos negativos ou mesmo tiveram benefícios em função do divórcio dos pais na infância?

Psicóloga: “Tem casos mais graves que os adolescentes chegam a pedir ajuda para poder ajudar os pais a separarem, quando tem caso de alcoolismo na família, pode ser do homem ou da mulher, o cônjuge sofre com a doença do outro. Eles sofrem algum tipo de violência tanto psíquica ou física que então teriam um benefício com a separação. Benefícios em casos mais graves.”

Questão 9: Como você aborda a questão da separação conjugal ou do divórcio? Só com a criança, com um genitor ou com ambos os genitores conjuntamente?

Psicóloga: “Inicialmente eu respeito a demanda da família, então eu sempre respeito a primeira pessoa que ligou, pois a terapia começa com a ligação, a pessoa teve muita coragem e pode ter demorado muito tempo para ligar. Na primeira sessão eu atendo a pessoa que ligou e a partir dessa primeira sessão eu faço uma triagem para ver se eu vou ter que falar com essa pessoa novamente ou se vem o cônjuge na próxima ou se vem a criança, eu também avalio a necessidade. Se vem por indicação da escola, normalmente eu trabalho mais com a criança, se é o casal que está buscando ajuda eu trabalho com o casal primeiro.”

Questão 10: Levando em conta sua experiência profissional, qual o momento ideal para contar para a criança sobre a separação?

Psicóloga: “Normalmente eu aviso os adultos que é quando eles têm certeza, porque é muito comum os pais e vens na hora da separação, então às vezes eles têm uma crise quando eles estão em acompanhamento, eu peço que eles não saiam de casa, assim, deu uma briga, pega uma muda de roupa e vai dormir na casa da mãe, aí a criança já pensa que os pais vão se separar e a mãe na hora da raiva diz que sim pois o pai fez isso e fez aquilo, aí desmonta toda a figura idealizada da criança e depois eles se acertam, então peço para falarem quando é uma coisa certa, antes disso a gente avisa a família que diga que “o papai e a mamãe não estão se dando bem, estamos passando por problemas, mas não se preocupa que é coisa de gente grande”, é como não se preocupar com contas a pagar, não se preocupa com quem cuida dos compromissos, assim, não abrindo para a criança, mas a criança sente e causa algum sintoma, ela começa a vomitar, ter febre, baixo rendimento, ficar mais agressiva, tem dificuldade para dormir, então os pais podem até dizer que nunca brigaram na frente da criança, mas ela sente. Então contar que vai separar quando eles já tiverem definidos, já falaram com advogado, já sabem como vai acontecer, aí a criança participa desse processo também.”

Questão 11: Quando acontece a alienação parental?

Psicóloga: “É um tema super atual, acho bacana pois isso é explicado para os pais porque às vezes eles alienam também em relação aos avós, é muito comum casais brigarem porque não

se dão bem com as famílias de origem, como por exemplo a nora tem problema com a sogra e aí quando eles separam eles dizem “eu proíbo o netinho visitar a vovó”, então eu explico que hoje já tem até uma lei, que o psicólogo tem que entender de leis também para esses casos de separação, os avós tem direito de conviver com os netos, tem direito de ter o dia do vovô e da vovó, mesmo que seja com supervisão de outra pessoa, sem problema nenhum, então na alienação parental é muito fácil de ver, é gritante, não é que vai minando a cabeça da criança contra o outro genitor, como se fosse assim “teu pai não é tão bom assim”, não é isso, é muito mais grave, aonde diz “tu vai com o teu pai hoje e vai me deixa sozinha, vou ficar aqui triste”, quer dizer que se faz todo um drama e bota a criança no meio de uma coisa séria que o nome eu costumo explicar pros pais que é conflito de lealdade, então que eles tem que ser leal a aquele que eles moram e eles não podem ser feliz visitam o outro, isso causa um sofrimento enorme na criança, podendo entrar em depressão às vezes, pois eles vão lá com o pai, eles tem que ta bem com o pai e dizer que é ruim ficar com a mãe e vice-versa. Então alienação parental causa um prejuízo tremendo a vida da criança.”

Questão 12: Em sua opinião, o que os pais podem fazer para não comprometer o desenvolvimento das crianças antes e durante e após o processo de separação conjugal?

Psicóloga: “O ideal seria que os pais tivessem um ego maduro, mas os pais normalmente tem um ego infantil, eles rivalizam pelo amor da criança e fazem aquelas perguntas horríveis ‘De quem tu gosta mais?’ que não se deve nunca fazer para uma criança, pode até perguntar ‘O que você prefere chocolate ou doce de leite?’, mas nunca em relação ao amor de outra pessoa, então o que os pais podiam fazer é buscar atendimento nesse período porque existe hoje em dia terapia para a crise, para o momento, então ta muito na moda os jovens buscarem terapia para a fase dos trinta anos que da o desespero de não ter uma casa, ainda morar com os pais e não se sustentar, então terapia para o momento. As pessoas tem medo da terapia por achar que é algo que vai ficar presa para o resto da vida, que vão ir lá e então vai ter que ir para sempre, então hoje já se busca o que chama Psicoterapia breve de orientação sistêmica, aonde vai para o foco, o que a pessoa quer naquele momento, buscar para tratar a separação e não envolver o filho, quer contar o que esta acontecendo para saber em que momento se pode misturar as raivas próprias e as angústias, então o ideal seria que o casal tivesse um ego maduro mas se eles já separaram já pode ter ali um problema, não conseguiram passar por uma situação de conflito. Buscar ajuda seria a resposta.”

Questão 13: Nos casos de separação conjugal e de divórcio, você costuma buscar informações nos diferentes contextos de inserção da criança (por exemplo, no estabelecimento de ensino que ela frequenta)?

Psicóloga: “Sim, não são muitos psicólogos que fazem isso mas eu vou na escola pessoalmente, é um diferencial do meu trabalho, essa época do ano é uma época difícil então

quando tem casos novos, mais sérios, eu evito de pegar e encaminho porque o meu trabalho é ir na escola marcar um horário com a psicóloga, se tiver, ou com a coordenadora do SOE e com a professora se for criança pequena, eu vou pessoalmente, porque se pedem para eles mandarem, que na época da faculdade aprendi que se pedia para escola mandar um parecer, só que eles escrevem algo muito superficial porque não é todos que assinam e se comprometem a fornecer um documento assinado, então eu comento que é uma conversa sigilosa, o que eu for ouvir ali vou utilizar apenas para o meu trabalho, às vezes vem dados que a escola diz que a criança se queixa bastante que apanha mas nunca foi visto marcar porque se não seria denunciado pro conselho tutelar, a criança se queixa que a mãe dorme até meio dia desde que se separou e aí ele come só uma pipoca antes de ir para a escola, eles denunciam algumas negligências. Então é bem importante o contato com a escola.”

Questão 14: Com base no que você observa como psicóloga clínica e terapeuta familiar, quais são as consequências para a criança que presencia intensas interações conjugais conflitivas ou brigas entre o casal, antes, durante e depois da separação?

Psicóloga: “A criança que ela presencia normalmente são cenas fortes, quando tem crise conjugal se tem luta corporal, em muitas brigas, então é comum a criança absorve aquele palavreado. O antes do processo eu acredito muito na parte mais crítica que então eles estão brigando e na questão de tentar se acertar e de repente uma coisa mais grave pois estão falando em se separar, então pensar que separação não é por qualquer coisa, é algo mais grave, então a criança vai ouvir xingamentos, palavrões e provavelmente ela vai repetir em outro ambiente e a professora vai ser a primeira pessoa que vai perceber, que a criança vai estar mais agressiva e respondendo mais, ou então tem criança que se fecha, então era uma criança sorridente, com brilho no olhar e de repente está lá no canto da sala quietinha, mais introspectiva e às vezes se o professor fala mais alto ela chora, então é uma criança que vai demonstrar alguma coisa, adoece mais seguido, como citei antes, porque corpo e alma é interligado, então o corpo fala o que às vezes a pessoa não consegue colocar para fora.”

Anexo 2: Entrevista realizada com a educadora.

Questão 1: Qual a sua formação acadêmica?

Educadora: “Sou formada na área de Letras e Literatura e tenho especialização em literatura infanto-juvenil também.”

Questão 2: Qual a idade das crianças que você trabalha? Sempre trabalhou com crianças nessa faixa etária?

Educadora: “Faz 20 anos que trabalho com crianças de educação infantil, que é de 4 meses até 5 anos e 11 meses atualmente, mas já trabalhei com outras faixas etárias em função do ensino fundamental e médio, tendo assim a oportunidade de trabalhar até os 18 anos.”

Questão 3: Enquanto você era estudante de graduação, ou mesmo durante a realização de cursos extracurriculares, em algum momento foi abordada a temática da separação conjugal ou do divórcio e seus impactos no processo de desenvolvimento infantil? Caso positivo, de que modo?

Educadora: “Na verdade, isto é uma coisa mais recente. Quando fiz estes cursos, ou até mesmo na graduação, esse tipo de assunto não era comentado. Partíamos mais das questões técnicas, digamos assim, que era a parte da teoria, na medida em que tu estavas procedendo com o trabalho ou na medida em que iam surgindo as dificuldades aí você ia tentando buscar alternativas. Então, acho que muitas vezes, as pessoas que trabalham quer seja com a educação infantil, quer seja com os outros ensinos teriam que ter um suporte maior em relação a isso, justamente na área psicológica porque é refletido na questão emocional das crianças ou dos adolescentes, acaba acarretando num comportamento diferenciado, seja sentimento de perda ou porque vêem os pais brigando ou porque não vai mais ver um dos dois, tem todo o emocional envolvido, por isso acho importante que os profissionais da educação tenham este suporte, porque não é esta competência que a gente tem, especialmente no ensino fundamental, nos atemos muito ao trabalho na questão conhecimento, trabalho com conteúdos. Claro que tem o professor que acaba conversando mais com os alunos, tendo mais intimidade e sabendo mais sobre sua realidade, mas são casos raros. Como trabalhamos com educação infantil, portanto com todos os processos de desenvolvimento da criança, temos estes profissionais também da área psicológica, pedagógica entre outros, para podermos dar conta destas situações.”

Questão 4: Com base na sua experiência profissional, quais são os primeiros sinais que a criança apresenta em decorrência de intensos conflitos conjugais ou do processo de separação dos pais? Há algum o comportamento mais comum?

Educadora: “Eu vejo duas situações: a criança fica agressiva, fica agitada, não consegue se acomodar com uma brincadeira, com uma contação de história, com os amigos. Ou a criança começa a ficar muito quieta e afastada do grupo. São sinais de que alguma coisa tá errada, mas isso nem sempre chega até a escola. Às vezes os pais não querem se expor, mas tem toda uma questão legal por trás disso também que a escola tem que ter todo um cuidado quando existe uma separação. Quando a gente percebe estes diferenciais na criança, a gente comenta com a professora para ficarmos mais atentos para ver se isto perdura. Se perdura, colocamos nosso profissional da área da psicologia em contato para podermos verificar junto da família o

que está de fato acontecendo, esta é a ação. As crianças realmente demonstram a separação, de uma forma ou de outra, são os dois extremos.”

Questão 5: Você observa modificações em termos das características do desenvolvimento infantil (considerando o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e motor) quando a criança está vivenciando o processo de separação ou de divórcio dos pais? Caso positivo, você considera que essas modificações costumam trazer benefícios ou prejuízos às crianças?

Educadora: “É uma situação complicada, porque se na verdade a criança muda o comportamento, se abstrai do grupo ou fica agressiva, e não se acomoda, inevitavelmente terá reflexos nas outras questões. Porque ela não vai mais se prender às atividades, então eu acredito que haja sim um prejuízo em relação na questão de desenvolvimento, dá uma freada, então a gente tem que ter um trabalho muito firme, pegar junto com a família, principalmente com aquele que a criança tem um envolvimento maior para que a gente possa dar essa atenção e suporte para criança porque senão ela não vai conseguir dar a volta sozinha. E muitas vezes, a gente percebe que tem que haver inclusive, algum encaminhamento para que a criança possa vir a se soltar novamente, que ela possa começar a se abrir de novo para o mundo.”

b)

Questão 6: Em sua opinião, é comum a criança apresentar comportamentos internalizantes (tais como sinais de ansiedade ou de depressão), externalizantes (tais como comportamentos agressivos, impulsivos e desafiadores) ou prejuízos cognitivos e na interação com pares em idade antes, durante ou após a separação conjugal ou divórcio dos pais?

Educadora: “Tem criança que começa a fazer xixi de noite, ou faz xixi toda hora, ou retém o xixi. Uma série de fatores, ou fica mais quietinha, com medo, com receios. Depende muito de criança para criança, cada criança tem um comportamento. Em relação aos pares fica mais agressiva, ou o colega chega e a criança começa a chorar, se davam bem e agora o colega encosta e a criança entra em desespero, tem várias situações depende muito do perfil de cada criança, algumas mais explosivas e outras mais retraídas. Aí vai do olhar da professora de ver como aquela criança era expansiva, participava de tudo e agora, de uma hora pra outra ficou quieta. Muitos acham que a criança que está quieta é porque tá tudo bem, às vezes, muito pelo contrario, é aquele que tu tem que olhar mais porque justamente tem algumas questões que não estão legais, alguma coisa errada. E o explosivo, bom, esse volta e meia tá explodindo. Mas a gente percebe direto na criança.”

Questão 7: Alguma vez você já precisou abordar o assunto com alguma família? Caso positivo, a proposta de dialogar com os pais da criança partiu de você ou dos próprios genitores? Como você entende que os pais se sentiram com essa conversa?

Educadora: “Os pais não abriram, a gente sabia que o casal estava com problemas, as meninas estavam muito tristes, tudo era motivo pra chorar, tolerância zero pra tudo, queria colo toda hora e a gente chamou diversas vezes os pais pra conversar porque a gente sabia que tinha alguma coisa com o casal e eles nunca abriram nada só que foi sair daqui para outra escola, o casal se separou. E eles se sentiam incomodados quando a gente marcava com a psicóloga da escola, como ‘elas estão invadindo a nossa vida’ e diziam ‘em casa elas não são assim’ então a maioria das pessoas negam o que está acontecendo, são poucas as pessoas que falam, já teve casos aqui na escola que a gente jamais imaginou que o casal ia se separar, nossa, era um casal que era sempre presente e participava de tudo os dois extremamente amorosos com a criança e de uma hora pra outra vieram nos contar que estavam se separando. Mas a gente não notou nada na criança. Eles não discutiam na frente dela, os dois tinham o papel de pai e de mãe, mas nesse outro caso, nós passamos horrores no ultimo ano das meninas na escolinha. Mas esse não foi o único caso, geralmente os pais tem um certo receio de expor essa situação, tanto é que preferem sair por que aqui é um negocio mais família, e no colégio grande já é tudo mais distante... Mas aqui, no ultimo ano as meninas sofreram muito no ultimo ano. E o comportamento delas era exatamente o que havíamos comentado antes? Elas não eram de bater, mas de chorar por tudo, elas não paravam de chorar. É bem uma questão, eu acho, de depressão e ansiedade, que é a forma que elas ficavam e muito difícil de acomoda-las. E teve um outro caso que, a menina, arrebentou o chinelo na natação e ela entrou em surto, e o pessoal de outros andares foram lá pensando que ela tinha se arrebentado, mas foi apenas o chinelo! Ou seja, em algum lugar vai estourar.”

c)

Questão 8: Na instituição em que você trabalha há profissional da área de psicologia? É comum dialogar com esse profissional (ou mesmo com profissionais de outras áreas) sobre o que a influência da separação conjugal ou do divórcio no desenvolvimento infantil?

Educadora: “Todo o corpo que a gente tem. Tanto a fisioterapeuta, quanto a pedagoga, a psicóloga. A gente sempre se reúne e conversa sobre as questões das crianças. O dialogo aqui é com todo mundo, só que as vezes você não consegue entrar na família, e tem que conversar com a professora, pra professora ter um pouco mais de calma, tratá-lo um pouco diferente, mas as áreas tem que conversar entre si, se não, não funciona. E a gente até vendo a necessidade a gente chama a família pra tentar conversar. De uma forma as vezes muito sutil, pra tentar entrar em algum ponto. A gente até marca e as pessoas não vem, acabam como se estivesse negando, ou se vem no caso, a gente coloca, digamos, a psicóloga pra conversar então deixamos a coisa mais, como posso dizer... pessoal, pra ver se eles conseguem realmente comentar alguma coisa, pois a nossa preocupação é com a criança, então esse é um papel muito importante da psicóloga na escola. Em contra partida tem aquilo, muitas vezes tu chama, pra falar que a gente tá percebendo que tem alguma que não tá funcionando, que a criança, tá tendo reações relativas à isso e muitas vezes o casal não gosta disso, se sentem invadidos, e ai a reação deles é tirar eles da escola. Por que na concepção deles, eles acham que a escola, não pode se meter na vida familiar. Só que eles esquecem que a escola é um

reflexo do que acontece em casa, e que tem que ter esse jogo claro, e as vezes ele não vai estourar nada em casa mas vai estourar na escola. Em algum lugar ele vai estourar. Porque na realidade ele tem um ambiente que e todo apropriado pra isso né, ele tem os amigos, a professora, então ele se sente mais acolhido de uma certa maneira, Até pra extravasar e colocar suas agressividades, até nas brincadeiras eles mostram, nos diálogos, na brincadeira de casinha, no faz de conta, depois dos 3 anos, que eles começam a brincar, eles reproduzem os diálogos do pai e da mãe né. Não adianta os pais esconderem por que aparece né.”

d)

Questão 9: Quais foram as experiências positivas e negativas que você vivenciou e que pode compartilhar conosco?

Educadora: “Bom, a positiva foi aquela que a que já falamos né, Um casal que nós não tínhamos conhecimento do que estava acontecendo, quando eles efetivaram eles vieram comentar e a gente não sentiu nada de diferente na criança, por que eles conseguiram conduzir muito bem isso. Tanto é que eles tiveram relacionamentos depois, a menina teve irmão, que veio pra escola depois e ela vinha aqui nos cumprimentar com o pai e com a madrasta, numa boa. Foi uma coisa bem positiva. E no caso de negativa, a gente teve uma, eu não sei te enumerar, mas teve uma série de situações que a gente percebia que pelo comportamento da criança, havia alguma coisa errada na família e as tentativas que nós fizemos elas foram frustradas, inclusive, do próprio trabalho da psicóloga, das pessoas ficarem chateadas conosco e por conta disso e por conta disso, a reação é sempre aquela: tirar da escola. Porque dai eles sabem ‘estão chegando onde nós não queremos que eles cheguem, então se nós não tirarmos, vão acabar descobrindo’. Todas as situações ocorreu isso.”

Questão 10: Com base na sua experiência como educadora e diretora de uma escola infantil, se possível, dê um depoimento sobre o que você considera importante e o que vê em relação ao divórcio.

Educadora: “Bom, na verdade eu penso de uma forma bem objetiva: Se o casal não se esta dando mais bem, acho que o caminho, realmente não é por causa do filho ou da filha que eles devem permanecer juntos. Por que tu vai demonstrar de alguma forma que o casal não está bem, que não tem mais aquela fluidez como havia antes e isso vai refletir na criança. Então se tu não tá bem, acho que o dialogo é a melhor coisa pra mostrar pra criança que o pai e a mãe não estarão mais juntos mas continuam amando essa criança. Para que haja uma segurança afetiva. A partir do momento que a criança tem uma segurança, ela consegue lidar com todas essas questões. De não ter o pai ou a mãe o tempo junto e que o casal realmente tome outro rumo para o bem dessa criança, porque ninguém pode viver bem se não se entende, se não consegue dialogar, se não consegue fazer para que tenha um ambiente de diálogo e de harmonia. Então se o casal não tá bem, a melhor escolha é a separação, mas lidando sempre com muita calma, muito amor e muito carinho a questão dos filhos. Sem ocultar. Tem que

falar, na linguagem dele, de uma forma que seja muito clara, sem refuscar muito a linguagem, mas que a criança saiba o que ta acontecendo e que se faça com muito amor e muito carinho e que ela entenda que tanto o pai quanto a mãe